

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

**MITO OU HUMANO: AS DUAS FACES QUE FORMAM A
IDENTIDADE DO POVO GAÚCHO.**

Edevandro Sabino da Silva¹ (IFF-RS)

1. A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE GAÚCHA

A construção imaginária de uma identidade depende de uma atribuição de sentido, e não depende de espaço e tempo. Sabe-se que a população do Rio Grande do Sul é marcada fortemente por seus usos e costumes, então o que define a todos nós como gaúchos? Por que nos sentimos parte do mesmo estado e dos mesmos costumes? Ruben George Oliven concorda com Marcel Mauss quando este afirma que a identidade se explica através dos símbolos:

Tem a bandeira como símbolo, como o clã tinha seu totem; ela tem seu culto, a Pátria, como o clã tinha o de seus ancestrais animais – deuses. Como uma tribo primitiva, a nação tem o seu dialeto elevado à dignidade de uma língua, com um direito internacional. (FÉLIX; ELMIR, 1998, P, 23)

Uma nação sempre procura zelar por suas fronteiras políticas e também por suas fronteiras culturais, estabelecendo assim o que é característica dela, pois é através de tudo isso que se constrói a identidade nacional, caracterizando sua população.

Tais questões conduzem a uma reflexão, pois mesmo vivendo em diferentes regiões, todos fazem parte de um mesmo estado, porque se identificam com os mesmos símbolos, mas principalmente se integram por uma mesma língua e um mesmo ideal, que é retratado nas obras *Os Contos Gauchescos* e *A Prole do Corvo*. Nas referidas obras, se privilegia a construção da identidade rio-grandense, representando o contraste e as diferenças ocorridas na classe dominante e na classe dominada.

2. BLAU NUNES, FURRIEL FARROUPILHA

Resenhando *Contos Gauchescos* em 1913, Antonio de Mariz a saúda como obra “genuinamente rio-grandense [...] representação de uma literatura que, por sua

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

singeleza e naturalidade, atrai muito mais que as fantasias do ‘sonetismo’ moderno” (LOPES NETO, 2005, p. 132). Mariz repete a mesma expressão usada por Simões Lopes Neto para descrever seu narrador – “genuíno tipo [...] rio-grandense”. Na verdade, como se verá a seguir, Blau Nunes foi concebido como a síntese do homem rio-grandense, pelo que sua identificação com um romance que se diz legítimo representante do estado não é surpreendente. Por sua vez, Blau apresenta o gaúcho, enaltecendo sua vida na fazenda, sua coragem nas guerras e sua cumplicidade com os animais, principalmente o cavalo e o cachorro.

Em “O anjo da vitória”, Blau Nunes relata que, ainda “gurizote”, com cerca de 10 anos de idade, já andava na garupa de seu padrinho. A referência temporal do conto é a Batalha de Ituzaingo, que teve lugar em 1827, no passo do Rosário, e foi a maior batalha campal ocorrida em solo brasileiro. As províncias Unidas do Prata haviam se revoltado contra o domínio do Império do Brasil sobre a província cisplatina.

Ainda que fale com autoridade de quem vivenciou esse episódio histórico, Blau Nunes diz não ter grandes recordações da batalha. Lembra como troteia colado com seu padrinho, por ele protegido, e as reclamações do padrinho, que afirma estarem mal acampados e extenuados, e atribui a culpa de todo o desconforto ao general Barbacena, que “não passava de um presilha, que por andar um dia a cavalo já tinha que tomar banhos de salmoura e esfregar as assaduras com sebo”. Com essa observação evidencia-se o contraste entre o homem da cidade e o homem do campo, muitas vezes aludido em outros contextos ao longo da obra, exprimindo o desprezo deste último por aquele que não compartilha seu estilo de vida.

Só nessa ocasião que o menino Blau conhece o general José de Abreu, o barão de Cerro Largo. O contraste entre a descrição do general Abreu e a de Barbacena é marcante. Diferente de Barbacena, Abreu tem características típicas do gaúcho guerrilheiro, sendo valente com as armas, guapo como leão: “Esse dormia como quero-quero, farejava como cervo e rastreava como índio...; esse, quando carregava, era como um ventarão, abrindo claros num matagal”(LOPES NETO, 2005, p. 84). Admirado por todos, recebe o cognome de Anjo da Vitória.

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Talvez a batalha do Ituzaingo fique tão marcada na memória do jovem Blau porque representa para ele duas grandes perdas: a do padrinho e a do Anjo da Vitória. Com a morte do padrinho, que comanda um dos esquadrões do general Abreu, aos dez anos, Blau já se percebe desamparado e sozinho: vendo as forças se retirarem e distanciarem, percebe que “estava sozinho, abandonado, gaudério e gaúcho, sem ninguém pra me cuidar!... (LOPES NETO, 2005, p. 85).

No conto também aparece, ainda jovem e com o posto de major, Bento Gonçalves da Silva. Blau Nunes faz questão de lembrar que mais tarde Bento Gonçalves seria general na Revolução Farroupilha. Simões Lopes Neto alude assim, de passagem, à longa carreira de Bento, que segundo conta a História, muito jovem engajou-se nas revoluções.

O conto “Os cabelos da china” acontece ao início do que seria o mais longo conflito armado e interno do Brasil, a Revolução Farroupilha. Nesse conto, percebe-se que o guri que ficou desprotegido durante a Batalha do Ituzaingo, sobreviveu, e agora já é um rapaz. Como diz, “Passaram os anos. Eu já tinha o meu bigodinho” (LOPES NETO, 2005, p. 63).

O conto “Duelo de Farrapos” lembra um fato interno e muito conhecido da revolução, ou seja, o duelo entre Bento Gonçalves e Onofre Pires da Silveira Canto. Em 1844, desgastados por tanto tempo de guerra, Bento e Onofre entram em linha de colisão. Quando suas acusações abertas chegam ao conhecimento de seu primo, Bento Gonçalves, o duelo torna-se inevitável. Onofre abre mão de suas imunidades parlamentares e coloca-se à disposição de Bento para um duelo, que acontece no dia 27 de fevereiro de 1844, às margens do Rio Sarandi, em Santana do Livramento. Onofre é atingido no antebraço direito, fato que interrompeu o duelo.

Ao relembrar o episódio, Blau Nunes o faz com a autoridade de quem conhece de perto a história do Rio Grande e, acima de tudo, com o testemunho de quem foi ordenança de Bento Gonçalves, a quem mais uma vez chama de “meu general”. Blau recorda, também, o episódio das eleições, e de como o comandante general e presidente convoca uma eleição para deputados que irão formular as leis para reger a república,

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

que está um tanto quanto desgovernada devido à guerra. Um mês depois já se sabe quem são os eleitos, todos “macotas” e “torenas que andavam na coxilha”. Enfatiza-se, assim, a ligação dos deputados às classes dirigentes (“macotas”, i- e., indivíduos poderosos, influentes) e sua valentia (“torena”, indivíduo forte, valente, destemido).

No dia em que os deputados deveriam se apresentar para discutir e aprovar as leis nem todos comparecem, mas atente-se para o fato que o narrador faz questão de enfatizar que Bento Gonçalves está pessoalmente na seção. Blau Nunes chama a atenção do patricio para o fato que o presidente da República Rio-Grandense realiza uma fala muito sisuda, que todos os presentes escutam em minucioso silêncio, e gesticulam, dando razão às palavras por ele proferidas.

O narrador também registra a atuação dos presidentes uruguaiois Oribe e Rivera, que apoiam o exército do império contra os farrapos. Refere-se aos inimigos do império como os “legais”, assumindo, assim, a condição de que os farroupilhas eram os revoltosos, mas com o orgulho de quem acredita ter se revoltado e lutado por uma causa justa. Descreve os uruguaiois como arditos, o que é ilustrado pelo relato da bela senhora viúva que traz para o governo ofícios sobre gados arrebanhados, reclamando prejuízos, e que depois se descobre ser emissária dos caramurus. Na versão de Blau, o episódio levanta desconfiança contra o general Bento Gonçalves, e é uma das causas de seu desentendimento com o coronel Onofre Pires.

Blau justifica o duelo, dizendo que, muito embora a amizade desses farrapos tivesse sido transtornada pela bela emissária, a dama não tem o poder de “mudar o preceito de honra deles: brigavam, de morte, mas como guascas de lei: leis, sempre!”(LOPES NETO, 2005, p. 103). Destaca também a honradez com que Bento se comporta diante da desvantagem de Onofre, ao qual acode quando vê caído e ferido; como o narrador salienta, não eram gente de se aproveitar da fraqueza do oponente para vencer uma batalha.

Nesses contos analisados pode-se perceber o respeito e o orgulho de Blau Nunes pela sua condição de militar e pelo fato de poder defender o Rio Grande do Sul, e até o Brasil, nos confrontos armados. A par do orgulho sentido quando fala sobre a

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

Revolução Farroupilha e sobre o presidente da República Rio-Grandense, Bento Gonçalves da Silva, pode-se perceber seu respeito e admiração por ainda outras características do gaúcho. Percebe-se, assim, ao longo dos contos, que no ponto de vista do Blau furriel, a imagem do gaúcho que se impõe é a do centauro dos pampas, um ser bifronte que serve na guerra e na campina, valente sempre, honesto e cheio de esperança.

3. FARROUPILHAS, PROLE DE CORVOS

O romance *A Prole do Corvo* (1978), de Luiz Antonio de Assis Brasil traz uma visão crítica da Revolução Farroupilha no plano da ficção. Retrata o último ano dessa guerra, apresentando as personagens sem grandes qualidades e com limitações que são naturais a qualquer ser humano, como: fome, frio, sono, medo etc... . Centra-se no drama de José Henrique de Paiva (Filhinho), que foi obrigado a incorporar nas tropas de Bento Gonçalves para lutar por uma causa que não conhecia.

No início do romance, a personagem Filhinho já faz uma referência pejorativa a alguém que chama de Bambá ou Bambaqueré, mas em pensamento. Seu pai, porém, grita essas mesmas palavras em voz bastante alta, e ainda comenta sua indignação com a mulher, Clarinda: tinha que juntar as cavalhadas para entregar ao Bambá. Alude à prática farroupilha de requisitar cavalos entre os estancieiros.

A fragilidade da personagem Filhinho já pode ser percebida nesse contexto, pois quando, Chicão, seu pai, demonstra toda sua indignação contra a República e Bento Gonçalves, o jovem se esconde na casa dos arreios, trancando a porta e permanecendo no escuro com o coração disparado. Sobre a guerra Filhinho não sabe o que pensar, dadas as múltiplas opiniões que vê a seu redor: o pai esbraveja contra, o padre diz que às vezes a guerra ajuda a melhorar, a irmã Laurita preferia que todos estivessem em paz, mas como o marido estava lutando tinha que tomar partido pelos revolucionários. Filhinho, contudo, preferia tomar banho na sanga e deixar isso para os outros se

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

preocuparem. Na estância não faz nem mesmo as tarefas que de costume são atribuídas aos homens.

Quando Filhinho, tremendo de frio, chega à porta da cozinha, logo enxerga Eudócia, que ouve de Laurita as recomendações do que fazer de comida. Já está acostumado a que a irmã tome conta da casa, determinando as criadas e às vezes até os peões e os escravos (BRASIL, 1978, p 16-17).

A ocasião em que o major Firmino chega para renovar seu pedido de cavalos reforça, mais uma vez, o comportamento contraditório de Chicão. Um dia antes esbravejara contra os farrapos, chamando-os de ladrões de gado; agora abraça Firmino como se fossem grandes amigos. Essa atitude contrasta com a dos gaúchos retratados por Simões Lopes Neto, sempre leais, heróicos, honestos. O fato de chamar Bento Gonçalves e os revolucionários de ladrões estabelece ainda outro ponto de divergência entre a visão histórica adotada por cada um dos escritores: enquanto Simões reinscreve o mito, embora localizando os fatos narrados nos tempos “de então”, Assis, ao registrar a maneira como o fazendeiro chama Bento Gonçalves e os revolucionários de ladrões, desmitifica o grande nome da Revolução Farroupilha.

A negativa do coronel Francisco Assis de Paiva em conceder mais cavalos aos revolucionários sela o destino do filho: Firmino lança seu olhar para Filhinho, convidando-o para que se integre às tropas de Bento Gonçalves como soldado, pois, de alguma maneira, as pessoas que simpatizam com a revolução precisam colaborar com a causa.

Mais tarde a indecisão de Chicão em lhe dar uma resposta definitiva empolga o major, que parte já com a certeza de que a viagem que tinha feito para buscar cavalos lhe rendera um soldado. Isso revela a pressão que recai sobre si: deve cumprir com suas responsabilidades, com as ordens que lhe são passadas pelo general Bento Gonçalves da Silva. Também Filhinho sabe que o pai, que não gosta de tomar decisões, não negaria nada ao General Bento Gonçalves.

Antes ainda de Filhinho incorporar nas tropas farroupilhas a família Paiva é surpreendida pela repentina volta do marido de Laurita, depois de cinco anos nos

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

campos de batalha, o soldado recém chegado traz consigo muitas novidades e nesse momento percebem-se diferentes reações familiares: Laurita, protetora como sempre, pede ao marido que não assuste o irmão com a descrição das cenas de terror; Bento, o caçula da família, que não vê perspectiva imediata de ir para a guerra, se interessa pelos combates; Filhinho reage ao sofrimento das pessoas, e recua, procurando proteção no ombro da irmã.

Mesmo com todas as contravenções criadas no seio familiar Filhinho é recrutado e sua primeira visão é a de um soldado mal vestido, montado em um cavalo magro - um autêntico Farrapo, reflexo dos longos anos de guerra, que agora se aproxima do seu fim. Filhinho é recebido pelo soldado Cássio Andrade, que lhe revela que ser soldado não é bom, é comum ter alguém com febre ou doente.

Um fato significativo é que, pela primeira vez, o filho do coronel Chicão é tratado como José e não como Filhinho. A proteção familiar já não existe mais, o Filhinho mimado e protegido pela irmã está dando lugar ao soldado José, que a partir daquele momento não teria mais as regalias oferecidas pela família. O apelido é definitivamente sepultado quando é apresentado pelo cabo Meireles ao major Firmino. Enquanto caminham, Filhinho diz ao cabo que se chama José Henrique de Paiva e nega que tenha apelido. Está matando aquele homem que saiu da estância de Santa Flora, e dá lugar ao soldado que deve defender os interesses da Revolução Farroupilha.

A chegada de mais alguns soldados ao acampamento causa novo choque em José, que se espanta, pois todos são magros e com aparência cansada, parecendo desanimados. Quando questionados sobre a marcha, dizem, indiferentes, que continua na mesma, sem mudanças. Outro fator negativo é a falta de comunicação dos soldados com a família.

Logo José Henrique sente fome. Recebe comida de Cássio, e percebe a precariedade do acampamento, e também a condição desumana em que vivem os soldados, já esgotados pelos longos anos de combate:

Agora comendo a rama, sentindo que às vezes não se desmancha e
sim se quebra e esfarela na boca, percorre os rostos dos outros

15ª Jornada Nacional de Literatura
Leituras jovens do mundo

**12º Seminário Internacional de Pesquisa em Leitura
e Patrimônio Cultural**
Leitura, arte e patrimônio: redesenhado redes.

De 27 a 31 de agosto de 2013
UPF
Passo Fundo (RS), Brasil.

soldados. O mais velho de todos é um de barba ouriçada, cabelo escovinha; vagarosamente corta a canivete um pedaço de pau. Assobia uma toada de igreja, monótona, sempre repetida. Não tem mais uniforme, veste uma camisa aberta ao peito, enfiada para dentro de uma bombacha evidenciadora de que certa vez fora mais gordo. A cara é mesmo muito chupada, e uma cicatriz, na face esquerda, sai do canto do olho e adentra a barba, fazendo como que um caminho no meio dos pelos. (BRASIL, 1978, p. 47).

Essa maneira pela qual o romance aborda a Revolução Farroupilha a desmitifica. Ao invés de contemplar a Revolução como grande acontecimento histórico, onde lutaram grandes heróis que conquistaram grandes vitórias, mostra as armas usadas pelos revolucionários, as roupas, que estavam em péssimo estado, os dormitórios ao relento e os soldados de pés descalços. Além disso, a diferença entre oficiais e soldados fica bem patente. Com isso, percebe-se que a visão heróica da Revolução é desmitificada por Assis Brasil, que revela em *A Prole do Corvo* a dura realidade da Revolução Farroupilha.

REFERÊNCIAS

- BRASIL, Antonio de Assis. *A prole do corvo*: Porto Alegre: Movimento, 1978.
- FÉLIX, Loiva Otero; ELMIR, Claudio P. *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: UFRGS, 1998.
- NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: Globo, 1978.
- NETO, João Simões Lopes. *Contos gauchescos*. São Paulo: Martim Claret, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A revolução farroupilha*. São Paulo: Brasiliense S/A, 1985.

ⁱ Mestre em Letras Área de Concentração Literatura pela URI – Câmpus de Frederico Westphalen, Brasil edevandro82@sa.iffarroupilha.edu.br